



ORIENTE MÉDIO

A guerra se expande para vizinhos do Irã

Forças de Teerã atacam bases americanas na Jordânia. EUA e Arábia Saudita bombardeiam posições de milícias xiitas no Iraque. Drones atingem navio no Egito. Trump usa termo chulo ao jurar vingança

» RODRIGO CRAVEIRO

Um drone atingiu, ontem, um navio-tanque de gás dos Estados Unidos no Porto de Damietta, no norte do Egito, à margem do Mar Mediterrâneo. Horas antes, durante a madrugada, a Guarda Revolucionária Iraniana — espinha dorsal do regime de Teerã — atacou com mísseis uma base aérea norte-americana e o Centro de Comando Central dos EUA, na Jordânia. As Forças Armadas do país anunciaram a interceptação de cinco artefatos. Com o auxílio de aviões da Arábia Saudita, os Estados Unidos lançaram uma ofensiva contra posições da Hashed Al-Shaabi, uma milícia xiita apoiada pelo Irã. De acordo com o grupo, 20 de seus combatentes foram mortos e 32 ficaram feridos.

Washington garante que os alvos foram instalações logísticas e depósitos de armamentos do grupo. No entanto, o governo do Iraque denunciou “um ataque inaceitável e uma flagrante violação da soberania”. Fontes iranianas confirmaram à tevê Al-Jazeera que quatro integrantes da Guarda Revolucionária estão entre os mortos. Uma outra milícia iraquiana pró-Irã, a Harakat Hezbollah Al-Nujaba, advertiu que os interesses americanos e sauditas no Golfo Pérsico enfrentarão “consequências”.

O Ministério da Defesa saudita afirmou que a defesa antiaérea do reino “destruiu vários drones que tentaram alvejar as instalações de petróleo nas regiões da Província Oriental e de Riad, lançados do Iraque e realizados por milícias terroristas alinhadas ao Irã”. Na tentativa de proteger as embarcações que navegam pelo Mar Vermelho de ações dos rebeldes separatistas iemenitas houthis, aliados do Irã, a Arábia Saudita tenta criar uma coalizão internacional, segundo a agência de notícias Reuters. Em reação ao ataque à Jordânia, Trump afirmou à emissora Fox News que “os EUA vão encher a p... do Irã de porrada”.

Mais tarde, na Casa Branca, diante de jornalistas, o republicano voltou a ameaçar o Irã. “Nós vamos atingi-los com muita força. Porque chegou a nossa vez de

AFP



Forças de segurança e socorristas buscam vítimas de bombardeios a uma base de milícia xiita pró-Irã na província iraquiana de Dyalá

Eu acho...

Arquivo pessoal



“O risco é o de que diferentes frentes da guerra se tornem focos de tensão, à medida que Estados individuais adotam ações para se proteger de ataques e, com isso, acabam provocando retaliações. O conflito iniciado em fevereiro, envolvendo os EUA e Israel de um lado e o Irã de outro, pode se tornar mais complexo à medida que novas frentes surjam como zonas adicionais de confronto.”

KRISTIAN COATES ULRICHSEN, especialista em Golfo Pérsico pela Universidade Rice (em Houston)

atacá-los. Eles sabem que isso vai acontecer. Estão nos pedindo para não fazê-lo”, declarou o republicano. Trump disse ter recebido informações sobre a ofensiva de drones no Egito. “Veremos se chegaremos a um acordo (com o Irã) em algum momento”, acrescentou. Ao justificar o disparo de mísseis contra as bases na Jordânia, a Guarda

Revolucionária Islâmica avisou: “Enquanto continuarem as ameaças contra a República Islâmica do Irã, (...) a resistência continuará”.

Estratégia

Especialista em Golfo Pérsico pela Universidade Rice (em Houston), Kristian Coates Ulrichsen admitiu ao



Nós vamos atingi-los com muita força. Porque chegou a nossa vez de atacá-los”

Donald Trump, presidente dos Estados Unidos

Correio que o objetivo de longa data do Irã tem sido o de afastar as tropas americanas de seu território. “É pouco provável que o regime de Teerã mude de rumo agora. Mais uma vez, os parceiros dos EUA no Golfo Pérsico é que pagarão o preço. Temos observado que eles vêm se mostrando mais assertivos na defesa de seus interesses”, explicou.

“Existe o risco de que dinâmicas de escalada de todos os lados possam desencadear novos ataques, como temos visto com os houthis (rebeldes do Iêmen) do que com o Hezbollah (movimento xiita libanês) nos últimos dias.”

A violação do cessar-fogo no Líbano também elevou a tensão regional. As Forças de Defesa de Israel (IDF) acusaram o movimento xiita libanês pró-Irã Hezbollah de “flagrante” desrespeito da trégua, ao acusá-lo de lançar um drone contra um veículo israelense. O incidente ocorreu em uma faixa do território onde as tropas do Estado judeu estão destacadas, que avança cerca de 10 km no sul do Líbano ao longo da fronteira entre os dois países. Um acordo mediado pelos Estados Unidos no mês passado determina que o Exército libanês desarme o Hezbollah e que os militares israelenses se retirem das chamadas “zonas piloto”.

TERREMOTO

Japão acelera resgate

Entre uma centena de réplicas e alertas para o risco de novos tremores de maior escala, o Japão multiplicava ontem os esforços para resgatar possíveis sobreviventes entre escombros de edificações que desabaram no forte terremoto da véspera, na ilha de Kyushu, a sudoeste do arquipélago. Até a manhã de hoje (noite de ontem em Brasília) as autoridades tinham confirmado 13 mortes, três delas no shopping center Aeon, na cidade de Kashima, onde uma explosão de gás fez ruir um andar do edifício.

Os esforços das equipes de resgate se concentravam lá e na fábrica de papel Nippon Paper, em Yatsushiro, onde uma chaminé desabou. A empresa confirmou a morte de cinco trabalhadores, e quatro seguiam desaparecidos. Em ambos os locais, na província de Kumamoto, bombeiros, policiais e a defesa civil aceleravam as operações para localizar e retirar possíveis sobreviventes.

“É, verdadeiramente, uma corrida contra o tempo”, disse à imprensa a primeira-ministra Sanae Takaichi, depois de participar de uma sessão da Dieta (parlamento). O Exército japonês mobilizou 3.600 efetivos para as operações de resgate e enviou 20 aviões para avaliar os danos.

O tremor provocou danos generalizados na ilha de Kyushu: derrubou residências, provocou incêndios e deixou cerca de 40 mil residências sem fornecimento de água e energia elétrica. Mais de 9 mil pessoas passaram a noite em 506 abrigos. A circulação dos trens de alta velocidade foi suspensa em Kyushu. Não foram relatadas anomalias nas usinas nucleares da região.

Kumamoto foi afetada em 2016 por dois terremotos devastadores: um de magnitude 6,5, seguido por outro de magnitude 7,3. Os tremores deixaram, em conjunto, 273 mortes e mais de 2.800 feridos. O Japão é um dos países mais sujeitos a abalos sísmicos, por sua localização no encontro de quatro placas tectônicas.

David Mareuil/Pool/AFP



A premiê Sanae Takaichi: “Corrida contra o tempo”

CUBA

Ilha aberta para negócios

Postos de combustíveis, farmácias e óticas, instituições de longa permanência para idosos, terminais de passageiros e de cargas, instalações portuárias, importação de veículos, energias renováveis e operações de petróleo e mineração (sob condições) são os setores formalmente abertos desde ontem para a iniciativa privada, em Cuba. O anúncio oficial é parte da regulamentação de um pacote de reformas econômicas com 176 medidas, aprovado em junho pela Assembleia Nacional. A economia da ilha vive um dos momentos mais críticos em quase sete décadas de socialismo, com o fornecimento de petróleo bloqueado pelos Estados Unidos e o setor energético à beira do colapso.

As novas regulamentações ampliam “de maneira considerável o

campo de atuação para empreendedores e empresários privados”, segundo a imprensa estatal. O comunicado oficial reafirma a “responsabilidade (exclusiva) do Estado” pela saúde: “A assistência médica continua garantida à população, com serviços hospitalares gratuitos”. O mesmo se aplica à educação, outro dos pilares da revolução comunista de 1959, liderada pelos irmãos Fidel e Raúl Castro. As dificuldades dos últimos anos, porém, levaram o regime de Havana a flexibilizar o monopólio para atividades como creches, cursos de idiomas e aulas particulares de reforço.

Permanecem também vedadas ao capital privado os meios de comunicação, as telecomunicações, a segurança e a defesa, bem como a indústria do tabaco. Ainda assim, as reformas, anunciadas

inicialmente pelo presidente Miguel Díaz-Canel, representam uma virada de longo alcance para o regime, que se debate em dificuldades desde os anos 1990, com o fim da União Soviética — que por três décadas garantiu o fornecimento de petróleo e outros insumos, além de produtos industriais.

Esperança

“Acho muito bom, porque na farmácia (estatal) quase nunca há medicamentos. Quando a gente vai procurar, não tem, e então as pessoas acabam vendendo na rua”, disse à agência de notícias France-Presse (AFP) María Luisa Pérez, de 77 anos. Ana Diego, 66 anos, precisou voltar a trabalhar na empresa estatal da qual já havia se aposentado para conseguir sobreviver. Também ela deposita esperanças no anúncio oficial da

Yamil Lage/AFP



Farmácias liberadas para o setor privado: cubanos apontam escassez de remédios

relacionados às reformas, em áreas como agricultura, habitação, reorganização administrativa e legislação trabalhista. Deve também ser acelerada a autorização para pequenas e médias empresas, cuja criação foi aprovada em 2021. Segundo as autoridades, mais de 15 mil já operam na ilha, e empregam mais de um terço da população economicamente ativa.

No setor agrícola, a propriedade estatal da terra será mantida, mas está prevista uma ampliação significativa das condições de usufruto para agricultores, cooperativas e empresas privadas, tanto nacionais quanto estrangeiras. No que diz respeito à habitação, os cubanos poderão ser proprietários de duas casas nas cidades — até agora, só podiam ter uma. Passarão a ser permitidas hipotecas imobiliárias.

abertura econômica. “Todo mundo sabe que, neste momento, nós estamos sobrevivendo graças às mipymes (pequenas e médias empresas privadas)”, explicou. “É preciso

encontrar alguma solução, porque a realidade é que as pessoas estão sem medicamentos, sem alimentos.”

A Assembleia Nacional segue examinando projetos de lei